

Em busca de uma vida nova

No caminho do romance de Roland Barthes

Claudia Amigo Pino / Grupo Criação e Crítica – Universidade de São Paulo

NO INÍCIO DA TARDE de 25 de fevereiro de 1980, Roland Barthes atravessava a Rue des Écoles em direção ao Collège de France. Muito se tem especulado sobre esse momento: alguns dizem que não passou de uma imprudência, outros chegam a afirmar que ele teria olhado fixamente para a caminhonete que o atropelou, levando-o à morte, um mês mais tarde¹. Os defensores da hipótese de um suicídio se apoiam no estado de ânimo de Barthes: a todos os seus amigos ele teria manifestado cansaço, falta de vontade de uma nova vida².

Dois dias antes, ele tinha dado a última aula do seu curso *A preparação do romance II*, sobre o livro que estaria escrevendo nos últimos dois anos: *Vita*

1. Ver os testemunhos, reunidos por Louis-Jean Calvet, na sua biografia *Roland Barthes*. Paris: Flammarion, 1990.
2. Embora não defenda que o acidente de Barthes tenha sido um “suicídio”, Éric Marty, um de seus amigos mais próximos, defende que ele “se deixou morrer” pelas feridas, pois aparentemente não teria investido nenhuma força em se recuperar. Em “Mémoire d’une amitié”, publicado em *Roland Barthes le métier d’écrire*. Paris: Seuil, 2006.

Ateliê

*Nova*³. Os manuscritos desse romance só foram revelados quinze anos mais tarde, com a publicação de suas *Obras completas*. Éric Marty, organizador da edição, teria publicado todos os manuscritos encontrados na pasta “Vita Nova”, no total, de apenas oito folhas⁴.

Não há esboços ou tentativas de redação nessas folhas; seriam aparentemente planos de um romance autobiográfico, que começaria por um luto, seguido de um momento de ausência de desejo e depois pela decisão de ter uma vida nova e as tentativas de levar adiante essa vida. No final, haveria um encontro, a descoberta de um amor. Essa descrição poderia corresponder, em grandes linhas, a seis dos oito fólios publicados [V. figura 1]. Os outros dois fólios referem-se a um projeto um pouco diferente, inspirado em Pascal e composto por fragmentos de uma apologia de “alguma coisa” ainda não definida⁵ [V. figura 2].

Como o último fólio é datado do dia 12 de dezembro e Barthes morreu em março do ano seguinte, concluiu-se que o romance não estava inacabado por

3. Título em latim, em homenagem a Dante, que teria identificado um ponto do “meio” da vida, em que a obra mudaria completamente. Ver *La préparation du roman I et II. Cours et séminaires au Collège de France (1978-1979 et 1979-1980)*. (Org. Nathalie LÉGER) Paris: Seuil/IMEC, 2003, p. 27.
4. Ver BARTHES, Roland. *Oeuvres Complètes Vol. V. Livres, textes, entretiens. 1977-1980*. Paris: Seuil, 2002, pp. 994-1001 (fac-símile), 1017-1018 (transcrição).
5. A grande obra de Pascal, *Os pensamentos*, seria em princípio uma grande apologia da religião cristã. Essa obra, no entanto, nunca foi terminada. Conhecemos apenas um conjunto de fragmentos, organizado e chamado postumamente, pelos seus descendentes, de “Pensamentos”.

causa do acidente: ele teria fracassado em sua tentativa de escrevê-lo, muito antes de morrer⁶. Essa seria uma das razões, aliás, que o teriam levado a uma falta de vontade de viver.

Essa história foi contada várias vezes, de vários ângulos⁷. Talvez pela minha distância do ambiente crítico francês, talvez pela esperança de encontrar outros textos de Barthes, eu nunca consegui me conformar com ela. Para alguém que escrevia tanto, para alguém que não tinha deixado de escrever durante a sua vida inteira, era muito improvável que dois anos de trabalho tivessem deixado apenas oito fólios. Era necessário ir em busca de outros documentos de *Vita Nova*.

Ateliê

6. Ver por exemplo o artigo “Vie nouvelle, roman virtuel”, de Laurent NUNEZ, no qual o autor se refere abertamente ao “fracasso” do romance de Barthes. Em *Magazine Littéraire*, nº 482. Janeiro, 2009. pp. 74-75.
7. Além dos textos já citados, destaco também o livro *Les derniers jours de Roland B.*, de Hervé ALGALARRONDO. Paris: Stock, 2006.

22 VIII 79
 (I)
 92

Vita Nova
 Méditation - Bilan
 Morale sans espoir d'application

Rendez plus dialectique
 plus adhésif
 schéma trop déceptif
 hot

Prologue - Decul
 - le problème vital de l'Agir (justesse de ce qui suit ?
 que faire? Comment faire?)

I. L'accès amoureux
 - Suite de RH
 - Quits réalistes

II. Que les "plaisirs" sont insusceptibles de force
 - La Musique
 - Abandon de la peinture
 - Divisions: le Tuicot, le Koboda } La Prague

III. Le Monde comme objet contradictoire de spectacle et d'édification
 - Examen et Typologie des Discours
 le "Mal"? le Militant. la mauvaise foi

IV. La dévotion du 15 Avril 1978. La littérature comme substitut,
 repense d'amour

V. Imagination d'une V.N.
 Refers

VI. Littérature: il se s'agit que d'une initiation? D'expériences,
 impuissances?
 - Le Poème fait: l'Essai
 - Le Fragment. le Journal. le Roman
 - le Conté
 - la Nostalgie

VII. L'Occident pense: le "rien faire" philosophique" (le Néant,
 le Tao/ le Tas.
 - les Amis (Fantôme de ne s'occuper que d'eux)
 - le Roman aux places antérieures. Continuum. Pas de VN
 la Rencontre

Epilogue

Figura 1: Fólio 2 de Vita Nova. Corresponde ao conjunto de fólhos sobre o romance.

[VN]
3 sept 79

[Lisant Pascal] Envoi de:

- ~~Même~~ Faire comme si de de vos, d'être ma grande oeuvre (Somme) ~~de de de~~ - mais Apologie de quoi? la et la qu'est-ce? En tout cas pas de "moi"! - et qu'il n'en restât que des nués au lieu à mort, au parti erratique, (comme le pied peut par Portus): des fragments d'égale longueur, ~~peut être de de de~~ ~~thé~~ (ni aphorisme, ni dissertation)
- Les Figs: réviser la thèse du ~~Prokix~~, du Roman romantique, du Roman absolu: de rédaction dense, tonie elliptique, toujours très "intelligente" (surveillance rigoureuse) → Travail lent, à charge - pas seulement de la forme, mais aussi (horreur pour moi) de la pensée
- Renoncer au jeu s/ la Bête, les guillemets, le refus de prendre position sur l'énonciation (alibi du Roman) que de la diversité de mon moi). Sans complaisance - Pas de semblant
- Quelle loi? celle, absolue, de mon. (Le Neutre? en tout cas: forme et courage)
- Plus de Je. En tout cas, pas plus que Pascal.
- Ce sera difficile: lui pourrait dire: ~~le~~ l'homme, les hommes
- Clarté? "liasse": plus indéchiffrable et cependant pas de désordre.
- L'idée s/ les Cercles, Médiocres, par ex. ~~dit de~~ ne sera pas inflée; elle sera ce qu'elle peut être: un fragment - Apologie de 2 pages etc
- "Penses" dans laquelle, la référence aux écritures (citations) serait remplacée par la référence à la littérature (citations)
- Tout ceci voudrait dire qu'on abandonne l'enfantillage du Petit Vita Nova: les efforts de grenouille qui veut se faire aussi grosse...

Figure 2: Fólio 7 de *Vita Nova*. Corresponde ao conjunto de fólios relativo à Apologia.

Ateliê

EM BUSCA DE TEXTOS JÁ IMPRESSOS

Antes de procurar manuscritos, era preciso observar como textos já impressos poderiam estar relacionados com o projeto *Vita Nova*. Os oito fólios sempre foram descritos como “planos”⁸. Mas a palavra “plano” está relacionada a uma tentativa de organização de um texto ainda não escrito. Esses fólios, no entanto, pareciam tentativas de organização de textos já escritos, ou que estavam sendo escritos.

Alguns desses textos foram publicados postumamente, como se fossem independentes. Identificar esses textos não é muito difícil, graças, sobretudo, às notas da edição. Desde o primeiro fólio, por exemplo, ele dispõe que a “narrativa” começaria por um prólogo, chamado *Deuil* (Luto) e, algumas folhas depois, *Maman comme guide* (Mamãe como guia). No último fólio, esse prólogo se desloca para o final do sumário e ganha um outro nome: *Journal de deuil* (Diário de luto), o diário que Barthes escreveu depois da morte de sua mãe e que acabava de ser publicado⁹. Além disso, no segundo fólio, podemos observar a referência a certas *Quêtes vèlleitaires* (Buscas noturnas), depois chamadas de *Vaines Soirées* (Vãs noitadas), que correspondem aos diários das saídas noturnas de Barthes, publicadas em duas séries, uma em vida e outra póstuma¹⁰. Também

8. Ver, por exemplo, a descrição feita por Éric MARTY na introdução ao Vol. V das *Oeuvres complètes*: “De ce projet, nous n’avons que huit feuillets, huit esquisses, huit plans que nous reproduisons à la fin du volume en facsimilé”, p. 20. (“Desse projeto, nós dispomos apenas de oito folhas, oito esboços, oito planos, que nós reproduzimos no final do volume em forma de fac-símile”).

9. BARTHES, Roland. *Journal de deuil*. Paris: Seuil/IMEC, 2009.

10. “Délibération”, publicado na Revista *Tel Quel*, em 1979, e “Soirées de Paris”, publicado em *Incidents* (Paris: Seuil, 1984).

devemos mencionar o texto *Incidentes*, diário de Barthes, durante uma viagem ao Marrocos em 1969 (mas publicado em 1984)¹¹, onde é possível ler a história de certo “menino marroquino”, citada muitas vezes nos oito fólios publicados. Há também referências a textos que não estariam incluídos no romance *Vita Nova*, mas que estão relacionados a sua busca, como os dois cursos “A preparação do romance” e sua conferência inaugural, “Há muito tempo, deitava-me cedo”, *Fragments de um discurso amoroso*¹², o curso *O neutro*¹³ e seu último livro escrito, *A câmara clara*¹⁴. Para uma melhor visualização do projeto, podemos colocar todos esses textos no seguinte quadro que, como veremos mais adiante, não pode ser exaustivo:

TEXTOS QUE INTEGRARIAM O ROMANCE	TEXTOS LIGADOS AO PROJETO
<i>Diário de Luto</i> (Diário, publicado em 2009)	<i>A preparação do romance I e II</i> (Curso, publicado em 2003)
<i>Deliberação</i> (Diário, publicado em 1979)	Há muito tempo, deitava-me cedo (Conferência inaugural, publicado em 1982)
<i>Noitadas parisienses</i> (Diário, publicado em 1984)	<i>O neutro</i> (Curso, publicado em 2002)
<i>Incidentes</i> (Diário, publicado em 1984)	<i>Fragments de um discurso amoroso</i> (publicado em 1977)
	<i>A câmara clara</i> (publicado em 1980)

11. Também publicado em *Incidents*. Existe tradução brasileira: *Incidentes*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
12. Tradução brasileira: São Paulo: Martins Fontes, 2003.
13. Tradução brasileira: São Paulo: Martins Fontes, 2003.
14. Tradução brasileira: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Ateliê

O *corpus*, que no início não tinha mais que oito fólhos, de um momento para outro transformou-se em um conjunto de documentos, enorme, muito difícil de organizar e compreender.

EM BUSCA DE OUTROS MANUSCRITOS

Mas ainda não era suficiente. Segundo o testemunho de vários amigos de Barthes, o romance teria também outros prototextos: Antoine Compagnon, por exemplo, teria afirmado que “o romance estava no estado de fichas, uma quantidade de fichas, um inferno”¹⁵. Encorajada por Éric Marty, o organizador das obras completas, dirigi-me ao IMEC (Instituto da Memória da Edição Contemporânea), em Caen, onde o irmão de Barthes teria depositado os manuscritos do escritor e o seu “grande fichário”, que ele alimentava desde 1946, e de onde saía a maioria de seus trabalhos.

O fichário não estava no inventário. Os bibliotecários disseram-me que, para consultá-lo, era necessária uma autorização do irmão de Barthes. Como eu não a tinha, pedi para ver todos os documentos relativos aos “textos citados diretamente” [ver quadro acima] e encontrei quatro fólhos que, em relação ao conteúdo, pareciam ser uma continuação dos oito fólhos publicados nas *Obras completas*.

Esses novos fólhos referem-se à relação entre o projeto do romance e a “apologia” do sexto e do sétimo fólhos. Como já afirmei, Barthes não pretendia fazer uma apologia da religião cristã, como Pascal, ele

15. CALVET, Louis-Jean. *Roland Barthes*. Paris: Flammarion, 1990, p. 284.

pretendia fazer “como se” ele fizesse essa grande obra total mas, de fato, não fazê-la. Dessa forma, ele queria escrever os *Pensamentos*, de Pascal, uma obra fragmentária, não total, mas que produz no leitor um efeito de “totalidade”, como se ele pudesse tocar, sentir o grande “Bem” (no caso de Pascal, um “Bem” próprio de Deus).

Esse projeto não negava o projeto do romance *Vita Nova*. A apologia era, aparentemente, a forma de integrar as diferentes partes ou capítulos do “romance”. Como é possível observar nos manuscritos inéditos encontrados no IMEC:

On aurait:

INCIDENTS (amalgame avec APOLOGIE – et neutre)

Precédé ? Introduit par Récit: Deuil, Vita Nova,

Bilan, Examen de conscience, Table Rase etc ¹⁶

Incidentes, *Vita Nova* e o *Diário de Luto* corresponderiam às “pastas” ou aos “temas” de um conjunto de fragmentos, como os subtítulos dos *Pensamentos* de Pascal¹⁷. É importante destacar que todos esses “subtítulos” da apologia barthesiana corresponderiam a escritos “mundanos”: diários ou narrativas (*Vita Nova* ainda seria uma “narrativa”) que contariam a vida cotidiana de Barthes, especialmente a sua vida “secreta”, que ele escondia cuidadosamente (e que in-

16. “Teríamos:/INCIDENTES (amalgama com APOLOGIA – e neutro)/ Precedido? Introduzido por Narrativa: Luto, Vita Nova,/ Balanço, Exame de consciência, Tábula Rasa, etc”. Em Manuscritos de “Incidentes” (Acervo Roland Barthes, IMEC). Fl. 2.

17. Os fragmentos de Pascal que compõem os *Pensamentos* foram encontrados em “pastas” (“liasses”). FERREYROLLES, Gérard. “Introduction” em Pascal. *Pensées*. Paris: Librairie Générale Française, 2000.

Ateliê

cluía michês, amantes esporádicos, namorados, saídas em busca de parceiros...). Como Pascal, sua apologia deveria partir do mundano, do mundo do “divertimento”, e a partir daí entrar (e fazer o leitor entrar), na esfera do sagrado, do “Bem”¹⁸.

Mas ainda é preciso entender o que esse sagrado significava para Barthes. Nos manuscritos publicados, ele coloca essa questão, como vimos, no fôlio 7 (“Mas apologia do quê?/ Essa é a questão! Em todo caso, não de mim!”). Nos manuscritos inéditos, esse sagrado é mais preciso:

Idée (qui s’empare de moi de + en + à chaque fiche)
d’un auto-commentaire (lorsq aps-coup) ’! menant
le travail vers le Bien, pour devenir « bien », parfait,
moral (vers la mère). Initiation. Religion¹⁹

Barthes estava longe de Deus ou da religião, seu sagrado era da ordem do amor, não um amor platônico como o dos *Fragments*, mas um amor com o qual seria possível “viver junto”²⁰. A utopia de seu primeiro curso no Collège de France (*Como viver junto*²¹), volta nesse projeto para fazer “viver junto” essas pastas, esses diários incompletos, esses projetos inacabados e inacabáveis.

18. O texto de Pascal constrói uma dedução da existência de Deus a partir das necessidades cotidianas do homem, como a “ vaidade ” e “ divertimento ” (títulos de duas pastas de fragmentos).

19. “ Ideia (que se apodera de mim cada vez + de ficha em ficha)/de um autocomentário (porque escrito depois) ’! levando/ o trabalho em direção ao Bem, para se transformar em “bem”, perfeito,/ moral (em direção à mãe). Iniciação. Religião ”. Manuscritos de “ Incidentes ”. Fl. 2.

20. Salvo breves intervalos (por exemplo, o tempo em que ele esteve em tratamento em um sanatório), Barthes sempre viveu com a sua mãe.

21. Tradução brasileira: São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EM BUSCA DE UM FICHÁRIO

Depois de quatro cartas e muita insistência²², finalmente obtive autorização de Michel Salzedo, o meio-irmão de Barthes, para consultar o seu célebre fichário. Mas, aparentemente, esse documento conteria informações muito íntimas, que a família não gostaria de revelar e, por essa razão, só pude consultar alguns conjuntos de fichas. Assim, o que eu descreverei a seguir corresponde apenas a uma parte (e, no meu entender, a uma pequena parte) do trabalho.

Essas fichas não têm ligação direta com os manuscritos que foram apresentados anteriormente. Elas mostram um trabalho obsessivo, quase louco, de reescritura de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. De fato, esse romance era o modelo declarado de Barthes, na conferência inaugural do curso (Há muito tempo deitava-me cedo²³) e retomado muitas vezes, durante os cursos de 1979 e 1980 no Collège de France. Eu tive a oportunidade de ver ao menos 300 fichas, em que Barthes tomava notas de, por exemplo, todos os lugares frequentados pelas personagens de Proust (e seus correspondentes “reais”), fazia mapas desses lugares, tentava encontrar a distância entre eles – tudo isso para descrever lugares análogos, distâncias análogas, personagens análogas, em seu romance. Ele procurava possibilidades de transposição de todos os níveis do romance de Proust (espaço, caracteri-

22. Aparentemente, fui a primeira pesquisadora fora do IMEC a ter autorização para consultar o fichário, e especialmente esses documentos.

23. O título da conferência corresponde à frase inicial do livro de Proust.

Ateliê

zação de personagens, variação de narradores, efeito no leitor etc). Creio que estava longe de encontrar “a” via de transposição, mas de qualquer forma é possível estabelecer alguns caminhos do romance, a partir dessas fichas:

Um romance de personagens. No colóquio de Cerisy, de 1977, Barthes teria confessado que o desejo de escrever um romance era também um desejo de “pintar aqueles que eu amo” e é possível observar nessas fichas que ele queria transformar seus amigos e conhecidos em personagens. A lista do último fólio, transcrito nas *Obras completas*, de fato corresponde a esses personagens. Em relação a Proust, o que ele queria “transpor” era a estrutura de transposição de personagens, que ele chama de “Sintagma proustiano”, uma inversão da “essência” das personagens no curso da narrativa:

- Syntagme proustien:
- des tableaux, des scènes (langagières)
- des plages: phase de la ma
nifestation d’essence du personna-
ge: tout est fait pour le douer
d’une essence (immobile,
eternelle)
- puis bcp plus loin, le personnage
apparaît renversé, il est doué
d’une autre essence ²⁴

24. “- Sintagma proustiano:/ – quadros, cenas (de linguagem)/ praias: fase da ma/ nifestação da essência da persona-/gem: tudo é feito para lhe dar/ uma essência (imóvel,/ eterna)/- muito mais longe, a personagem/ aparece invertida, ela é dotada/ de uma outra essência”. Fichário 1979-1980. Acervo Roland Barthes/IMEC. Ficha 681.

Uma escritura de “mudas”. Segundo as pesquisas de Barthes, Proust trabalhava também a partir de pedaços de narrativa, fragmentados ou “mudas narrativas”, que cresceriam e se ligariam umas às outras durante o processo de escritura. Ele queria seguir essa mesma operação com seus fragmentos. A seguir, transcrevo um exemplo retomado muitas vezes ao longo do fichário:

il [Proust] composait des “morceaux” –
que ce n’était pas linéaire – qu’
il mettait ensuite en ordre –
avec augmentation comme une
mayonnaise ²⁵

A vida nova é a leitura. Finalmente, as pesquisas sobre Proust levavam Barthes a crer que ele teria escrito o seu romance a partir da leitura de um outro escrito, *Contre Sainte-Beuve*²⁶. Barthes estaria convencido de que a escritura de seu romance também seria despertada a partir de uma leitura. E esse texto que o levaria ao “verdadeiro romance” seria exatamente *Vita Nova*, como se esse romance já nomeado fosse apenas uma baliza da escrita, uma primeira etapa, de seu verdadeiro romance:

- 1) une lecture de la décision d’
écrire une lecture: Ste Beuve.
~~face agissante d’un texte-lu~~

25. “ele [Proust] compunha “pedaços” –/ que não eram lineares – que/ ele colocava em seguida em ordem –/ em aumento como uma/ maionese”. Ficha 431 verso.

26. O ensaio crítico de Proust *Contre Sainte-Beuve* (1908-1910) foi o primeiro prototexto de *Em busca do tempo perdido*, cujo primeiro volume foi publicado em 1913.

Ateliê

de ce qui Un texte qui est xx
plus (ou autre chose) qu'un texte
excitant, incitateur (xxx car
alors simple psychologie esthetique

Verso

de l'écrire par réaction, du Texte-
branle – mais mieux: un Texte Tuteur
notion qui fait passer à une réalité
(une esthétique) structurale: cf. Vita
Nova²⁷

Pelo menos no momento da escritura dessas fichas (começo de 1980), acredito que Barthes não tinha entrado na redação, propriamente dita, do romance. Ele procurava técnicas, instrumentos, para começar essa tarefa. Assim, no meu entender, ele encontrava-se longe, muito longe de ter abandonado o projeto: estava no limiar da escrita, prestes a começar uma redação. E a propósito dessa fronteira, transcrevo a seguir o conteúdo de uma última ficha que encontrei, relativa ao tema do seu próximo curso, de 1980-1981:

“A preparação do romance III: Escrever”
ou contar?²⁸

27 Recto: “1) uma leitura da decisão de/ escrever uma leitura: Ste Beuve/ face agente de um texto lido/ disso que Um texto que é/ mais (ou outra coisa) que um texto/ excitante/ iniciador (porque/ então simples psicologia estética)”. Verso: “de escrever por reação, do Texto-/ galho – melhor ainda: um Texto Tutor/ noção que faz passar a uma realidade/ (uma estética) estrutural: ref. Vita/ Nova”. Ficha 428.

28. Ficha sem dados, entrada “Temas de cursos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALGALARRONDO, Hervé. *Les derniers jours de Roland B.* Paris: Stock, 2006.
- BARTHES, Roland. *Oeuvres complètes Vol. V. Livres, textes, entretiens. 1977-1980.* Paris: Seuil, 2002.
- _____. *La préparation du roman I et II. Cours et séminaires au Collège de France (1978-1979 et 1979-1980).* (Org. Nathalie Léger). Paris: Seuil/ IMEC, 2003, p. 27.
- _____. *Journal de deuil.* Paris: Seuil/IMEC, 2009
- _____. *Incidentés.* São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *Fragments de um discurso amoroso.* São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *O neutro.* São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *A câmara clara.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- _____. *Como viver junto.* São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CALVET, Louis-Jean. *Roland Barthes.* Paris: Flammarion, 1990.
- FERREYROLLES, Gérard. Introduction. In: PASCAL, B. *Pensées.* Paris: Librairie Générale Française, 2000.
- MARTY, Éric. Mémoire d'une amitié. In: *Roland Barthes le métier d'écrire.* Paris: Seuil, 2006.
- NUNEZ, Laurent. Vie nouvelle, roman virtuel. In: *Magazine Littéraire*, nº 482. janeiro, 2009.

Ateliê